

O HOMOEROTISMO PERMEADO NA OBRA *ODE MARÍTIMA* DE ÁLVARO DE CAMPOS

João Marcos Silva VILELA*
Moisés Monteiro de MELO NETO**

- **RESUMO:** As pesquisas relacionadas ao homoerotismo ainda são escassas no meio acadêmico e por esse mesmo motivo é gerada uma grande subjetividade acerca deste tema. Este trabalho tem como objetivo contribuir para tais discussões. Usaremos como objeto de estudo o poema *Ode Marítima* de Álvaro de Campos, heterônimo do poeta português Fernando Pessoa, que tinha 127 deles, mas Álvaro é um dos três mais completos. Vivemos uma época em que as questões de gênero vêm sendo muito debatidas e a palavra homossexualismo, para se referir a obras relativas à orientação sexual e/ou identidade de gênero, vem sendo utilizada inadequadamente. Buscamos neste estudo uma forma de ressignificação do tema a partir da análise da mencionada obra possibilitando o destaque para nossa visão da problemática do homoerotismo que não caia no erro da rotulação sexual erótica estereotipada.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Homoerotismo; homossexualismo; gêneros; Fernando Pessoa; Álvaro de Campos; heteronímia.

Introdução

As pesquisas relacionadas ao homoerotismo ainda são escassas no meio acadêmico e há certa subjetividade acerca desse vocábulo. Relacionar o homoerotismo somente ao erótico da relação homossexual, ao sexo, simplesmente, é algo que acontece desde o século XIX, quando a palavra foi adotada pela literatura para caracterizar o amor entre pessoas do mesmo sexo. Entretanto a configuração erótica acabou sendo arrastada para os dias atuais e não cogitando uma possibilidade de que a palavra pudesse abranger mais do que uma relação sexual, colaborou para que terminologias como “homossexualismo” fossem empregadas para se referir a obras marcadas pelo homoerotismo, que compreende, dentre as várias configurações, que vão do amor até a sublimação de um desejo por alguém do mesmo sexo. Portanto são extremamente necessários, mais estudos que ajudem a esclarecer

* Universidade de Pernambuco (UPE). Acadêmico em Letras. Garanhuns – PE – Brasil. 55.294-902. joao.vilela@upe.br.

** Universidade de Pernambuco (UPE). Professor, pesquisador e dramaturgo. Possui graduação em Letras (1992), mestrado (2003) e doutorado em Letras (2011). Garanhuns – PE – Brasil. 55.294-902. moises@moisesneto.com.br.

Artigo recebido em 30/03/2021 e aprovado em 25/07/2021.

o significado, a configuração mostrando que determinadas colocações colaboram para o empobrecimento cultural e disseminação de informações equivocadas a respeito da temática.

O objetivo desse artigo é contribuir para discussões a respeito do homoerotismo e analisar como se dá sua presença na obra *Ode Marítima*, de Álvaro de Campos, heterônimo do poeta português Fernando Pessoa. Por meio desta análise discutiremos como a expressão se desdobra e se configura na obra. A sexualidade de Campos, como também a do próprio Fernando Pessoa é muito questionada, por causa de suas obras classificadas de cunho “homossexual” e erótico vale dizer, mas a orientação sexual dos mesmos, não é exatamente a questão que será tratada aqui e por esta razão buscou-se desvincular qualquer relação ou rotulação essencialista pré-determinada. O presente estudo trará uma breve síntese do que se trata tal heteronímia e em seguida discutir o uso inapropriado da expressão “homossexualismo” e por fim realizar uma análise do homoerotismo presente no poema em questão, considerado uma crítica à sociedade heteronormativa na qual Fernando Pessoa viveu.

Um breve resumo sobre Fernando Pessoa, heteronímia e Álvaro de Campos

Fernando Antônio Nogueira Pessoa é uma das figuras mais renomadas na literatura portuguesa e mundial. Sua literatura simbolista modernista é marcada por uma insatisfação, instabilidade, “estar-entre” (*inbetween*) e não definição. Sua poesia ortônima, parte dela em inglês, sempre traz também temas relacionados a Portugal, como o sebastianismo e menção a personalidades históricas portuguesas. Nascido em Lisboa, 13 de junho de 1888, foi educado na África do Sul, onde deu início aos seus primeiros estudos, aos 17 anos retorna a Portugal, onde viveu e colecionou uma carreira bastante versátil, foi poeta, tradutor, publicitário, empresário, crítico literário, comentarista político e muito mais. Em 30 novembro de 1935, aos 47 anos, foi diagnosticado com cólica hepática e acabou falecendo. Falar em Fernando Pessoa é falar do ser plural e enigmático: seus heterônimos são sua marca registrada da sua literatura. Estima-se que foram criados 127 heterônimos, cada um deles com suas particularidades, personalidades e escrita única.

Heteronímia (do grego heteros = diferente; + onoma = nome) é o estudo dos heterônimos. Heterônimos são projeções igualmente humanas com biografia, escrita e personalidade distintas concebidas por um escritor. Essas personalidades quando incorporadas ao escritor, assinam o que é produzido em seu nome, no momento em que estão “incorporadas”. Já as obras assinadas pelo próprio escritor são chamadas de ortônimas e pseudônimo é um nome falso adotado por um escritor para assinar suas próprias obras. Quando se fala em heteronímia, Fernando Pessoa logo vem à cena com sua grande capacidade de criar, são algumas de suas criações mais completas Alberto Caeiro, Bernardo Soares, Álvaro de Campos e Ricardo Reis todos envolvidos num jogo teatralesco permeado de polifonia.

Em uma carta escrita para Adolfo Casais Monteiro (1935), Fernando Pessoa esclarece algumas dúvidas sobre a origem dos seus heterônimos:

Criei, então, uma coterie inexistente. Fixei aquilo tudo em moldes de realidade. Graduei as influências, conheci as amizades, ouvi, dentro de mim, as discussões e as divergências de critérios, e em tudo isto me parece que fui eu, criador de tudo, o menos que ali houve. Parece que tudo se passou independentemente de mim. E parece que assim ainda se passa. Se algum dia eu puder publicar a discussão estética entre Ricardo Reis e Álvaro de Campos, verá como eles são diferentes, e como eu não sou nada na matéria. (PESSOA, 1999, p. 343-344).

Álvaro de Campos, um dos heterônimos mais conhecidos de Fernando Pessoa, teria nascido em Tavira, em 15 de outubro de 1890. Pessoa o descreve, como um homem magro de 1,75 de altura, pardo, cabelos lisos, barba feita e que usava um monóculo. Campos estudou engenharia mecânica e naval, mas não exerceu a profissão, pois a ideia de ficar preso dentro de um escritório não lhe agradava, entretanto sua formação lhe rendeu grandes poemas, como *Ode Triunfal*, marcado pela modernidade, o ranger das máquinas, engrenagens, uma possível analogia à revolução industrial e *Ode Marítima* sobre o prazer e a sensação de liberdade que o mar e as grandes navegações podem causar.

Numa carta escrita para Adolfo Casais Monteiro, Pessoa fala de como ele interpreta o momento em que incorporava em Campos; fala de um inesperado estímulo para escrever, um surto de criatividade que lhe ocorria, surto esse que não dava descanso para a máquina de escrever, sem interrupção ou necessidade de correção, esse era o momento que o era Álvaro de Campos, em cujas obras são percebidos toques homoeróticos.

Homoerotismo vs homossexualismo

Por definição homoerotismo é a atração por indivíduos do mesmo sexo, mas que não necessariamente está ligada a um desejo erótico sexual. O termo é muito presente em obras literárias no século XIX e foi adotado muito antes da revolução sexual do ano de 1960, como uma forma de identificar e falar sobre o amor entre pessoas do mesmo sexo. A preferência de homoerotismo a homossexualismo se dá pelo conceito de “eros” abranger mais que o conceito de “sexo”, abrindo possibilidades para sensações, emoções, sentimentos, vivências e muito mais.

O conceito desenvolvido por Platão para *eros* foi de um amor mais geral, porém ele não considerava, como uma forma de amor, apenas a atração física que uma pessoa sente por outra pessoa, daí surge a expressão amor platônico. *O banquete*, de Platão (2009) é uma de suas obras mais antigas sobre o tema. O eros ainda segundo Platão ajudaria a alma a lembrar da beleza em sua forma pura, e como resultado a contribuição para a percepção da verdade. Eros também é mencionado pelo escritor irlandês Clive Staples Lewis (1960) em sua obra *Os Quatro amores* e atribui a ele, baseado nas quatro palavras gregas para o amor, a definição de amor romântico, um amor que se sustenta e se mantém na entrega ao bem maior.

É fácil o inominado ganhar ou acabar sendo levado para uma gama de subjetividades. “Inefável” e “nefando” são palavras que caracterizam bem a palavra homoerotismo adotada em obras literárias a partir do século XIX. Inefável, porque não havia uma palavra que

descrevesse ou que pudesse abranger tudo o que o homoerotismo era. Nefando, porque naquela época as relações homoafetivas eram coisas que causavam aversão, por tanto não podiam nem deviam ser ditas. Escritores como Oscar Wilde e Paul Verlaine foram presos por uma vida neste caminho. Como o homoerotismo representava a atração entre pessoas do mesmo sexo, era de se esperar que esse termo recebesse unicamente uma interpretação sexual erótica, quando na verdade o desejo sexual não está atrelado de forma essencialista ao termo.

Relacionar o homoerotismo presente em uma obra com a ideia de um desejo ou experiência homossexual não realizada do autor acaba sendo somente suposições e teorias marcadas pelo preconceito e pensamento fixo de que a palavra é exclusiva a uma relação sexual, ao sexo, e isso não é verdade. Além disso, Fernando Pessoa sempre deixou claro que se autoconhecia muito bem e em um prefácio isso fica evidente, quando ele diz:

Não encontro dificuldade em definir-me: sou um temperamento feminino com uma inteligência masculina. A minha sensibilidade e os movimentos que dela procedem e é nisso que consistem o temperamento e a sua expressão, são de mulher. As minhas faculdades de relação – a inteligência do impulso – são de homem (CAVALCANTI FILHO, 2011, p.117).

Algumas obras que possuem marcas do homoerotismo são *Pilades e Orestes* (1852) de Machado de Assis, *Bom-Crioulo* (1895) de Adolfo Caminha e *O Barão de Lavos* (1891) do escritor português Abel Botelho. Em cada uma dessas obras são apresentados cenários diferentes para o homoerotismo, e essa variedade é a prova do quão versátil a expressão é e como ela pôde ser usada na literatura.

Ruy Laurenti (1984, p. 344) afirma que:

O homossexualismo passou a existir na CID a partir da 6ª Revisão (1948), na Categoria 320 Personalidade Patológica, como um dos termos de inclusão da subcategoria 320.6 Desvio Sexual. Manteve-se assim a 7ª Revisão (1955), e na 8ª Revisão (1965) o homossexualismo saiu da categoria “Personalidade Patológica” ficou na categoria “Desvio e Transtornos Sexuais” (código 302), sendo que a subcategoria específica passou a 302.0 Homossexualismo. A 9ª Revisão (1975), atualmente em vigor, manteve o homossexualismo na mesma categoria e subcategoria, porém, já levando em conta opiniões divergentes de escolas psiquiátricas, colocou sob o código a seguinte orientação “Codifique a homossexualidade aqui seja ou não a mesma considerada transtorno mental.

Laurenti explica que essa catalogação feita pela Classificação Internacional de Doenças (CID) era uma classificação que iria além das doenças e lesões, que com as novas revisões da literatura da medicina, o uso dessa codificação não seria posto somente para casos de mortalidade ou morbidade em internações, ela passou a ser necessária em prontuários médicos para esclarecer a razão pela qual um indivíduo estaria a realizar uma consulta com um médico, então era um procedimento pelo qual a homossexualidade, que era tida como doença precisava passar, uma vez que se um paciente fosse ao consultório

médico e se queixasse de “homossexualismo”, o código da patologia seria utilizado para justificar o motivo da consulta. Contudo, ele expõe outro lado a se considerar, que se um homossexual é assumido e isso não lhe traz nenhum problema, não haveria motivo para uma consulta médica e se o mesmo acontecesse com todos os homossexuais, não havia razão para se colocar um código na CID a homossexualidade, excluindo o rótulo de doença.

Ode marítima data de 1915, enquanto os estudos na área sexual só começaram em 1948, apesar da grande iniciativa que iria revolucionar o que temos hoje na atualidade sobre gênero e sexualidade, esses estudos caracterizavam a homossexualidade, como patologia, ou seja, além do discurso religioso que tinha grande peso para a opinião das pessoas, agora havia embasamento científico médico que servia de prova para homossexuais serem taxados, como doentes e toda essa catalogação e classificação feita ao longo dos anos nos homossexuais fez com que nações fossem construídas marginalizando pessoas com outra orientação sexual.

Uma personalidade, como Álvaro de Campos (Fernando Pessoa) abordar o homoerotismo em seus poemas era claramente uma forma de revolução e uma crítica àquela sociedade patriarcal heteronormativa do século XIX. Pessoa ressalta que todo amor é importante mesmo àqueles que vão contra os padrões estabelecidos como “corretos” perante as sociedades conservadoras, pois para ele é o amor que torna o ser completo: “A influência que no aperfeiçoamento do ser tem um puro amor, quer por uma mulher quer por um rapaz, é um dos encantos da existência.” (CAVALCANTI FILHO, 2011, p. 188). Em sua própria poesia ortônima temos “Antinous” (PESSOA, 1921) um poema homossexual, que traz a visão do mundo sexual no conceito grego.

É possível considerar Campos, como um dos heterônimos mais sensíveis de Pessoa, pois sua percepção aguçada do mundo, não conseguia fazer com que ele se calasse frente às mazelas que assolavam a sociedade em que vivia, ele tinha que extravasar toda sua inquietação, frustração e desejos ocultos que permeavam não somente a ele, mas a muitos que assim como o próprio viviam uma vida reclusa no, assim chamado por alguns, “armário”. Além disso, Pessoa faz declarações que questionam a sexualidade de outros heterônimos que eram aparentemente héticos, tirando Álvaro de Campos, como o único gay/bissexual, declarado abertamente:

Não sei quem foi à mulher que Caeiro amou. Nunca sei por sabê-lo, nem como curiosidade. Há coisas que a alma se recusa a não ignorar.”. Sobre a sexualidade Ricardo Reis, insinua; “No que o Reis tem muita sorte é em escrever tão comprimido que é quase impossível seguir com a precisa atenção – supondo que ela é precisa – o sentido completo e exato de todos os seus dizeres. É isso que faz com escreva aquela Ode [de 21/10/1923] que começa: A flor que és, não a que dás, eu quero (pasmem, aliás, do eu antes do quero, contra toda índole linguística portuguesa do Ricardo Reis!), disfarce que é dirigido a um rapaz.”. Bernardo Soares, mesmo tendo confessado amar uma mulher, escreve: “Toda inapetência para a ação inevitavelmente feminiza. Falhamos em nossa verdadeira profissão de donas de casas e castelãs”; “o meu horror as mulheres reais que tem sexo é a estrada por onde fui ao teu encontro. (CAVALCANTI FILHO, 2011, p.123).

Vimos que a palavra homossexualismo foi usada até cerca de 1989 pela Organização Mundial da Saúde (OMS) determinado pela Classificação Internacional de Doenças (CID) para designar pessoas homossexuais, entretanto desde 1948 o ser, posteriormente chamado de “gay” era estudado e passava por uma série de revisões que delimitava em qual categoria ele iria ser colocado, se como personalidade patológica, desvio sexual etc. O sufixo “ismo” atrelado à palavra homossexual faz referência a esse período de quando a homossexualidade era considerada um distúrbio psíquico, a própria desinência “ismo” é utilizada para indicar patologias. O desuso da palavra ocorreu a partir de pesquisas feitas na área sexual que levantaram questionamentos sobre não haver teorias do surgimento da homossexualidade e nem mesmo da própria heterossexualidade, o que resultou na retirada da homossexualidade da lista de doenças mentais. Em 1985, o Conselho Federal de Medicina do Brasil retirava a homossexualidade da lista de transtornos mentais e a OMS apenas em 1990, contudo a partir desses anos se tornou totalmente incorreto fazer o uso do termo homossexualismo que denota doença, anormalidade.

Um eu lírico em conflito: a presença do homoerotismo no poema *Ode Marítima*

Em *Ode Marítima* é evidente o conflito interno pelo qual o eu lírico passa constantemente que é a repressão do seu desejo. Durante a leitura do referido poema, nós envolvemos com a luta que o eu lírico trava consigo mesmo no momento no qual avista um pacote que entra a cidade durante a manhã. A embarcação passa a ser para o eu lírico um refúgio, onde ele que está em crise com a sociedade em que vive pode recorrer para exteriorizar o seu desejo longe dos olhos da sociedade heteronormativa que o reprime fazendo-o se fechar nas profundezas de um “armário”. Nós deparamos também com um pensamento masoquista como forma de alto-punição que ele faz a si mesmo mentalmente, por causa do que sente. E já ao final de toda a trama encontramos um eu lírico esgotado de sentir, incapaz de sentir por já ter sentido tanto que agora só o resta se silenciar, num suposto reajuste à sociedade em que vive.

Logo no início, o leitor se depara com um eu lírico completamente envolvido com a vista de uma embarcação, mas conseguir avistá-la mesmo que distante é o suficiente pra lhe deixar atordoado. A alma do eu-lírico é capaz de se sentir livre avistando o navio ainda que de longe:

[...]
Há uma vaga brisa.
Mas a minh'alma está com o que vejo menos,
Com o pacote que entra,
Porque ele está com a Distância, com a Manhã,
Com o sentido marítimo desta Hora,
Com a doçura dolorosa que sobe em mim como uma náusea,
Como um começar a enjoar, mas no espírito.
Olho de longe o pacote, com uma grande independência de alma,
E dentro de mim um volante começa a girar, lentamente.

[...]
Olho de longe o pacote, com uma grande independência de alma, /
E dentro de mim um volante começa a girar lentamente [...].
(PESSOA, 1986, p. 249).

A chegada e partida remetem a uma espécie de viagem, viagem essa que significa para o eu lírico se livrar dessas correntes culturais heterossexistas que o sufocam incessantemente, surge então uma heterotopia de crise representada pela embarcação. O barco se torna um espaço designado para eu lírico, que assim como outras pessoas também em crise com a sociedade em que vivem recorrem a esses espaços onde possam exteriorizar seu desejo, ser quem elas realmente são longe dos olhos da sociedade, afirma Foucault (2013), vejamos isto no poema de Álvaro:

Os pacotes que entram de manhã na barra
Trazem aos meus olhos consigo
O mistério alegre e triste de quem chega e parte [...].
(PESSOA, 1986, p. 249).

Mesmo tentado a uma viagem que lhe possibilitasse escapar, uma vida marítima, o eu lírico vê a si mesmo acorrentado nos padrões heterossexistas determinados pela sociedade, já que o próprio se enquadra num lugar de neutralidade, num padrão masculino “aceitável” para época, sendo ele um homem branco, engenheiro (profissão essa na época exercida somente por homens, sendo então um símbolo da masculinidade), residente da cidade, classe média com pelo menos uma vida confortável, sexualidade indiscutível aparentemente hétero:

Toda a vida marítima! tudo na vida marítima!
Insinua-se no meu sangue toda essa sedução fina
E eu cismo indeterminadamente as viagens.
Ah, as linhas das costas distantes, achatadas pelo horizonte!
Ah, os cabos, as ilhas, as praias arentas!
[...]
Ah, os pacotes, os navios-carvoeiros, os navios de vela!
Vão rareando - ai de mim! - os navios de vela nos mares!
E eu, que amo a civilização moderna, eu que beijo com a alma as máquinas,
Eu o engenheiro, eu o civilizado, eu o educado no estrangeiro,
Gostaria de ter outra vez ao pé da minha vista só veleiros e barcos de madeira,
De não saber doutra vida marítima que a antiga vida dos mares!
Porque os mares antigos são a Distância Absoluta,
O Puro Longe, liberto do peso do Atual...
E ah, como aqui tudo me lembra essa vida melhor,
Esses mares, maiores, porque se navegava mais devagar.
Esses mares, misteriosos, porque se sabia menos deles.
[...]
Toma-me pouco a pouco o delírio das coisas marítimas,

Penetram-me fisicamente o cais e a sua atmosfera,
O marulho do Tejo galga-me por cima dos sentidos,
E começo a sonhar, começo a envolver-me do sonho das águas,
Começam a pegar bem as correias-de-transmissão na minh'alma
E a aceleração do volante sacode-me nitidamente.
Chamam por mim as águas,
Chamam por mim os mares,
Chamam por mim, levantando uma voz corpórea, os longes,
As épocas marítimas todas sentidas no passado, a chamar.
[...]
(PESSOA, 1986, p. 252-254).

Pouco a pouco o educado e civilizado engenheiro vai sendo possuído e se deixa levar pela ideia da vida marítima: “Levado, como a poeira, p’los ventos, p’los vendavais!”, o lugar que excede e ultrapassa limites. O desejo de romper as correntes sociais que o aprisionam lhe toma conta:

[...]
Indefinidamente, pelas noites misteriosas e fundas,
Levado, como a poeira, p’los ventos, p’los vendavais!
Ir, ir, ir, ir de vez!
Todo o meu sangue raiva por asas!
Todo o meu corpo atira-se pra frente!
[...]
o cio sombrio e sádico da estrídula vida marítima [...]
(PESSOA, 1986, p. 254-255).

Ainda preso nos parâmetros impostos pela sociedade em que vive, o eu-lírico chega à conclusão que realizar seu desejo homoerótico se dá pela mudança de sua personalidade e compostura. Considerando a época marcada no poema, o navio é como um símbolo da masculinidade, o período das navegações não só na Europa, mas em todo o mundo era um lugar exclusivo para homens, pois reúne características atribuídas ao homem idealizado na época: a força, trabalho árduo e braçal, um espírito em busca de liberdade no mar, à brutalidade etc. E mesmo que esse seja um espaço masculino, a viagem no mar, uma vida marítima é a chance que o eu-lírico vê para assumir seu desejo e abraçar o que sente:

Ah, ser tudo nos crimes! ser todos os elementos componentes
Dos assaltos aos barcos e das chacinas e das violações!
Ser quanto foi no lugar dos saques!
Ser quanto viveu ou jazeu no local das tragédias de sangue!
Ser o pirata-resumo de toda a pirataria no seu auge,
E a vítima-síntese, mas de carne e osso, de todos os piratas do mundo!
Ser o meu corpo passivo a mulher-todas-as-mulheres
Que foram violadas, mortas, feridas, rasgadas pelos piratas!
Ser no meu ser subjugado a fêmea que tem de ser deles

E sentir tudo isso - todas estas coisas duma só vez - pela espinha!
Ó meus peludos e rudes heróis da aventura e do crime!
Minhas marítimas feras, maridos da minha imaginação!
Amantes casuais da obliquidade das minhas sensações!
Queria ser Aquela que vos esperasse nos portos,
A vós, odiados amados do seu sangue de pirata nos sonhos!
Porque ela teria convosco, mas só em espírito, raivado
Sobre os cadáveres nus das vítimas que fazeis no mar!
Porque ela teria acompanhado vosso crime, e na orgia oceânica
Seu espírito de bruxa dançaria invisível em volta dos gestos.
[...]
A carne rasgada, a carne aberta e estripada, o sangue correndo!
Agora, no auge conciso de sonhar o que vós fazíeis,
Perco-me todo de mim, já não vos pertenco, sou vós,
A minha feminilidade que vos acompanha é ser as vossas almas!
Estar por dentro de toda a vossa ferocidade, quando a praticáveis!
Sugar por dentro a vossa consciência das vossas sensações
Quando tingíeis de sangue os mares altos,
Quando de vez em quando atiráveis aos tubarões
Os corpos vivos ainda dos feridos, a carne rosada das crianças
E leváveis as mães às amuradas para verem o que lhes acontecia!
[...]
Ah, torturai-me para me curardes!
Minha carne - fazei dela o ar que os vossos cutelos atravessam
Antes de caírem sobre as cabeças e os ombros!
Minhas veias sejam os fatos que as facas trespassam!
Minha imaginação o corpo das mulheres que violais!
Minha inteligência o convés onde estais de pé matando!
Minha vida toda, no seu conjunto nervoso, histérico, absurdo,
O grande organismo de que cada ato de pirataria que se cometeu
Fosse uma célula consciente - e todo eu turbilhonasse
Como uma imensa podridão ondeando, e fosse aquilo tudo!
(PESSOA, 1986, p. 259-260).

O masoquismo, o exagero da brutalidade posta nas linhas do poema que não é por acaso, reflete o relacionamento abusivo conservado pelo sistema patriarcal em que o homem exerce um poder absoluto, uma autoridade sobre a mulher. É mirando na relação sadomasoquista que acontece de maneira absorta pelo eu-lírico, que a impressão que se tem como leitor é que a prática era intrínseca a época, os relacionamentos de maneira geral gozavam dela. Não é a toa que a personificação de Campus em mulher através de suas palavras dá conta de apresentar esse cenário. Desse modo, a imagem projetada na obra é a de um homem que simboliza a força, excitação (alto libido) e violência, enquanto a mulher é vista como vulnerável, coisificada (objeto de prazer), passiva:

Ah, os piratas! os piratas!
 A ânsia do ilegal unido ao feroz,
 A ânsia das coisas absolutamente cruéis e abomináveis,
 Que rói como um cio abstrato os nossos corpos franzinos,
 Os nossos nervos femininos e delicados,
 E põe grandes febres loucas nos nossos olhares vazios!
 Obrigai-me a ajoelhar diante de vós!
 Humilhai-me e batei-me!
 Fazei de mim o vosso escravo e a vossa coisa!
 E que o vosso desprezo por mim nunca me abandone,
 Ó meus senhores! ó meus senhores!
 Tomar sempre gloriosamente a parte submissa
 Nos acontecimentos de sangue e nas sensualidades estiradas!
 Desabai sobre mim, como grandes muros pesados,
 Ó bárbaros do antigo mar!
 Rasgai-me e feri-me!
 De leste a oeste do meu corpo
 Riscai de sangue a minha carne!
 Beijai com cutelos de bordo e açoites e raiva
 O meu alegre terror carnal de vos pertencer.
 A minha ânsia masoquista em me dar à vossa fúria,
 Em ser objeto inerte e sentiente da vossa omnívora crueldade,
 Dominadores, senhores, imperadores, corcéis!
 Ah, torturai-me,
 Rasgai-me e abri-me!
 Desfeito em pedaços conscientes
 Entornai-me sobre os conveses,
 Espalhai-me nos mares, deixai-me
 Nas praias ávidas das ilhas!
 (PESSOA, 1986, p. 261-262).

O eu lírico usa o masoquismo como uma forma de punição para o que sente, ele busca de alguma forma assumir a pele da mulher, a mulher submissa e passiva, pois é evidente que ele não aceita sua própria natureza, ele sente raiva, ele se nega, mas ainda assim ele sente. Então a forma que o eu-lírico encontra para diminuir essa culpa do sentimento homoerótico é por meio do sadomasoquismo. Entretanto, esse momento de punição se torna algo prazeroso, capaz de levá-lo a uma “excitação incontável do espírito” (orgasmo). A sonoridade também é utilizada para contribuir na elaboração mental da imagem a respeito do eu-lírico nesse momento de prazer presente nos versos:

Fazei de mim qualquer, coisa como se eu fosse
 Arrastado - ó prazer, ó beijada dor! -
 Arrastado à cauda de cavalos chicoteados por vós...
 Mas isto no mar, isto no ma-a-a-ar, isto no MA-AA-
 AR!
 Eh-eh-eh-eh-eh! Eh - eh-eh-eh-eh-eh-eh! EH-EHEHEH-

EH-EH-EH! No MA-A-A-A-AR!
Yeh eh-eh-eh-eh-eh! Yeh-eh-eh-eh-eh-eh! Yeh-cheheh-
eh-eh-eh-eh
Grita tudo! tudo a gritar! ventos, vagas, barcos,
Marés, gáveas, piratas, a minha alma, o sangue, e o
ar, e o ar!
Eh-eh-eh-eh! Yeh-eh-eh-eh-eh! Yeh-eh-eh-eh-eh-eh!
Tudo canta a gritar!
(PESSOA, 1986, p. 262).

O eu lírico encontra-se agora esgotado depois de sentir e extravasar esse acúmulo de emoções, como uma turbulência marítima provocada pela fúria do mar, “Decresce sensivelmente a velocidade do volante” o volante que desacelera é o sinal da sensação de vazio que o vai consumindo:

Parte-se em mim qualquer coisa. O vermelho anoiteceu.
Senti demais para poder continuar a sentir.
Esgotou-se-me a alma, ficou só um eco dentro de mim.
Decresce sensivelmente a velocidade do volante.
Tiram-me um pouco as mãos dos olhos os meus sonhos.
Dentro de mim há um só vácuo, um deserto, um mar noturno.
E logo que sinto que há um mar noturno dentro de mim,
Sabe dos longes dele, nasce do seu silêncio,
Outra vez, outra vez o vasto grito antiquíssimo.
De repente, como um relâmpago de som, que não faz barulho mas ternura,
Subitamente abrangendo todo o horizonte marítimo
Úmido e sombrio marulho humano noturno,
Voz de sereia longínqua chorando, chamando,
Vem do fundo do Longe, do fundo do Mar, da alma dos Abismos,
E à tona dele, como algas, boiam meus sonhos desfeitos...
(PESSOA, 1986, p. 263).

Como lemos, chega o momento em que nada mais importava, nem mesmo o que uma vez já lhe fez sentir-se livre “Já não me importa o pacote que entrava”. O eu lírico retorna a sã consciência e segue o ritmo de sua vida simples se reajustando a sociedade em que vive. Com uma purificação espiritual “Só o que está perto agora me lava a alma.”; “... imaginação higiênica”, o eu lírico está pronto para regressar a vida ordinária:

Já não me importa o pacote que entrava. Ainda está longe.
Só o que está perto agora me lava a alma.
A minha imaginação higiênica, forte, prática,
Preocupa-se agora apenas com as coisas modernas e úteis,
Com os navios de carga, com os pacotes e os passageiros,
Com as fortes coisas imediatas, modernas, comerciais, verdadeiras.
[...]
(PESSOA, 1986, p. 266).

No silêncio, o eu-lírico aceita a chegada do temido, mas esperado momento, a hora em que o próprio deve trancara si mesmo num armário, para se moldar novamente nas exigências de uma cultura heteronormativa:

[...]
E a hora real e nua como um cais já sem navios,
E o giro lento do guindaste que, como um compasso que gira,
Traça um semicírculo de não sei que emoção
No silêncio comovido da minh'alma...
(PESSOA, 1986, p. 269).

O cenário que se percebe no poema, a peça que envolve o eu lírico e seu desejo silenciado vítima de uma sociedade heterossexista é um cenário da realidade de muitos homossexuais que se veem obrigados a ocultarem sua verdadeira natureza. As questões de sexualidade e gênero ainda são infelizmente um tabu na sociedade em vivemos, *Ode Marítima* para a época em que foi feito e publicado mostra a quão essa questão perpetuava a sociedade sendo uma forte crítica para a época.

Considerações finais

O tema homoerotismo apesar de ter sido muito usado em literatura do século XIX é um assunto relativamente novo para pesquisas e discussões, pois ainda há vários questionamentos quanto ao seu uso em obras, seu significado, interpretação, etc. É por esse motivo que a temática fica a mercê de uma subjetividade que faz com que a expressão seja algo somente ligado a uma relação erótica entre pessoas do mesmo sexo e isso acontece, porque a maioria das obras em que o tema é abordado são narrativas que trazem o sexual da homoafetividade. Outro motivo é a interpretação gerada pela sua estrutura morfológica, homo remete a homossexual e erotismo a erótico.

Ao desenvolver o presente estudo buscou-se explicar o motivo pelo qual a palavra homoerotismo não deve ser interpretada só como uma relação sexual entre homossexuais, explicando que a temática aborda questões muito além do sexo, como emoções, desejos, experiências de vida e muito mais. Além de abordar a rotulação sexual para com o tema, buscou-se falar também da utilização inapropriada da expressão homossexualismo usada para fazer colocações ou se referir a uma relação homoafetiva e como isso afeta a forma como é transmitida e obtida o conhecimento sobre a temática.

Na análise feita em cima da obra *Ode Marítima*, do heterônimo pessoano Álvaro de Campos, verificou-se que ao pesquisar pela temática do homoerotismo não necessariamente encontraremos uma narração com conteúdo sexual explícito declarado, a forma que o tema é colocado no poema é como um desabafo, um desejo sublimado, uma crítica à sociedade patriarcal heterossexista da época que é retratada na obra. E com isso permitiu-se que o objetivo de demonstrar uma ressignificação do tema fosse alcançado.

Dada à importância do assunto é extremamente necessário que mais pesquisas com o tema venham a surgir para que cada vez mais a temática seja desmistificada. Entender como o homoerotismo se configura e o que ele abrange na literatura possibilita um melhor entendimento de obras permeadas pela expressão fazendo com que os leitores dessas obras não caiam no erro da rotulação sexual erótica estereotipada.

VILELA, J. M. S.; MELO NETO, M. M. de. The homoeroticism permeated in the Maritime Ode by Álvaro de Campos. **Revista de Letras**, São Paulo, v.61, n.1, p.103-116, 2021.

- **ABSTRACT:** *Research related to homoeroticism is still scarce in the academic environment and for this same reason; a great deal of subjectivity around the word is generated. This work aims to contribute to such discussions. We will use as an object of study the poem Ode Marítima by Álvaro de Campos, heteronym of the Portuguese poet Fernando Pessoa, that had 127 of them, but Álvaro is one of the three most complete. We live in a time when gender issues have been widely debated and the word homosexuality, to refer to works of a nature related to sexual orientation and / or gender identity, has been used inappropriately. In this study, we sought a way of reframing the theme from the analysis of the aforementioned work, making it possible to highlight our view of the problem of homoeroticism that does not fall into the error of stereotyped erotic sexual labeling.*
- **KEYWORDS:** *Homoeroticism; homosexuality; genders; Fernando Pessoa; Álvaro de Campos; heteronymy.*

REFERÊNCIAS

CAVALCANTI FILHO, J. P. **Fernando Pessoa**: uma quase biografia. Rio de Janeiro: Record, 2011.

FOUCAULT, M. De espaços outros. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 27, n.79, p. 113-121, 2013.

LAURENTI, R. Homossexualismo e a Classificação Internacional de Doenças. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v.18, n.5, p. 344-345, out. 1984.

LEWIS, C. S. **The Four Loves**. London: Geoffrey Bles, 1960.

LOPES, D. **O homem que amava rapazes e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.

MACEDO, D. D. **Do Elogio à Verdade**: um estudo sobre a noção de Eros como intermediário no Banquete de Platão. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. (Coleção Filosofia, 128).

MEDEIROS, F. G. **O ser elástico, mola, agulha, trepidação:** expressões do homoerotismo em Fernando Pessoa. 2014. 228p. Dissertação (Mestre em Literatura) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2014.

MOTA, A. **Para além da dor:** fantasias de prazer, poder e entrega: um estudo sobre bondage e disciplina, dominação e submissão e sadomasoquismo. 2011. 76 p. Dissertação (Mestrado Integrado de Psicologia) - Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto, Porto, 2011.

NUNES, B. **Clave do poético.** São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

PAZ, O. **Signos em rotação.** São Paulo: Perspectiva, 1996.

PESSOA, F. **Correspondência (1923-1935).** Edição de Manuela Parreira da Silva. Lisboa: Assírio & Alvim, 1999, p. 343-344.

PESSOA, F. **Fernando Pessoa:** obra poética. 8. ed. Maria Aliete Dores Galhoz, organização, introdução & notas. Rio de Janeiro, RJ: Nova Aguilar, 1986.

PESSOA, F. **English poems I-II.** Lisboa: Olisipo, 1921. Disponível em: <http://purl.pt/13967>. Acesso em: 25 fev. 2022.

PLATÃO. **O banquete.** São Paulo: Edipro, 2009.